

Leitura

Refletindo sobre supervisão

Henriette Tognetti Penha Morato

Rogério C. Buys me fez parar e pensar. Afinal, desde nossa formação, como estudantes de Psicologia, nos é enfatizada e requerida a vivência de supervisão (é parte integrante do currículo nos estágios das disciplinas profissionalizantes); mesmo depois, já psicólogos, continuamos sentindo a necessidade de, em alguns momentos difíceis e confusos de nossa atividade profissional, procurarmos a ajuda de supervisores. “Sabemos”, portanto, sobre a importância do papel da supervisão, mas raramente nos detemos para refletir sobre o seu significado quer em nossa formação, quer em nossa prática profissional. Somos supervisionados, somos supervisores e pouco nos damos conta do sentido da supervisão e sua sistemática para o psicólogo.

E é a isso que Rogério, através de seu livro “*Supervisão de Psicoterapia na Abordagem Humanista Centrada na Pessoa*” (Summus Editorial, 111p.) nos leva — uma reflexão sobre o espaço fundamental da supervisão, levantando uma proposta para a sua sistematização (Capítulo 1). Ainda que focado, especificamente, a supervisão de psicoterapia (é na prática clínica onde, talvez, mais reverbera a relevância desse espaço para o terapeuta), e baseando-se numa abordagem determinada (Abordagem Centrada na Pessoa), Rogério procura transmitir o quanto “a supervisão é uma atividade específica na vida pro-

fissional do psicólogo que não pode nem substituir nem ser substituída por nenhuma outra” (p.18), já que se constitui num espaço fundamental para a reflexão das relações profissionais vividas.

Valendo-se de sua experiência como professor, supervisor e psicoterapeuta, ele procura dar subsídios a que se repense o triplo vértice da atividade do terapeuta: o teórico, o técnico e o experiencial, o que nos dirige para a supervisão como o espaço integrador desses três fatores para o aprimoramento da prática clínica. Suas colocações possibilitam generalizações referentes a supervisões de outras atividades do psicólogo, remetendo-nos, dessa forma, ao questionamento sobre o credenciamento de supervisores junto aos Conselhos Regionais. Seria suficiente ter-se, apenas, uma experiência clínica de alguns anos para poder ser supervisor? Ou, como Rogério sugere, supervisão envolve também uma técnica que necessita estar amparada também em uma teoria, além da prática, sendo, portanto, uma situação claramente delimitada, com um objetivo específico e requerendo um profundo comprometimento do supervisor?

Partindo desse posicionamento, Rogério propõe-se a sistematizar uma técnica de supervisão compreendendo as funções didática (teórico-técnica) e experiencial. Na primeira, haveria o compromisso de tratar-se a supervisão como a parte de ligação entre o que é enfatizado, generalizadamente, por uma teoria como sendo a compreensão dos processos psicológicos e o que é a particularidade desses mesmos processos no cliente em foco (teórica), bem como é enfocada a maneira de se trabalhar com o cliente (técnico), sem grandes intelectualizações, mas sim facilitando a conscientização do elo entre a teoria, a técnica e a realidade psicológica. Por sua vez, a

função experiencial da supervisão possibilitaria a facilitação das experiências do supervisionando na sua relação com seu cliente: suas percepções e comunicações, enfim, seus sentimentos e atitudes no processo terapêutico, segundo as condições básicas da Abordagem Centrada na Pessoa.

A partir daí, Rogério sugere dois modelos de supervisão: o transitivo (mais voltado para uma avaliação, por parte do supervisor, do desempenho do supervisionando nos seus atendimentos; visando sua aprendizagem escrita), e o intransitivo (onde o supervisor dispõe-se a facilitar ao supervisionando uma aprendizagem ampla de seu próprio *jeito de ser* terapeuta).

Ainda que orientado para a Abordagem Centrada na Pessoa, o livro de Rogério também possibilita àqueles que confundem essa Abordagem com as idéias de Carl Rogers uma oportunidade de entrar em contato com o pensamento de outros autores, como Gendlin, que procuram reformular e fundamentar as concepções rogerianas, ampliando, dessa forma, sua compreensão.

Para mim, ressaltam-se dois méritos no trabalho de Rogério. Por um lado, seu pioneirismo, em termos de uma experiência de nossa realidade, de propor, com seu livro, uma abertura essencial para que professores de Psicologia e supervisores possam iniciar uma reflexão mais criteriosa sobre a atividade de supervisão, visando a um aprimoramento de formação dos psicólogos de que tanto necessitamos. Por outro lado, sua ousadia de, baseado em suas próprias experiências e questionamentos, propor-se uma tentativa de sistematizar seu trabalho com supervisão, e, mais ainda, de comunicá-la publicamente, propiciando, dessa forma, o preenchimento dessa curiosa lacuna bibliográfica sobre supervisão.

Leitura

Como tratar o medo de dentista?

Inúbia Duarte*

O “medo do dentista”, que tantos prejuízos pode trazer à saúde das pessoas, nas mais diversas idades, pode agora ser mais bem compreendido. A possibilidade de “aplicar a Psicologia na prática/odontológica” foi a feliz associação realizada pela psicóloga e odontóloga Prof. Myrna Cicely Couto Giron, em seu livro “Fundamentos Psicológicos da Prática Odontológica” (D. C. Luzzato Editores Ltda, P. Alegre, 1988).

Em sua obra, a autora, com linguagem clara e de fácil compreensão, consegue ir desenvolvendo conceitos psicológicos fundamentais à compreensão da dinâmica da personalidade, aliando-os a sua rica vivência como odontóloga e professora de Psicologia Aplicada, no curso de Odontologia. Leva o leitor à estreita inter-relação do indivíduo com o “meio” e, mais especificamente, à relação com a figura “temida” daquele que é responsável pela prevenção e tratamento de nossos dentes — o dentista.

Realidade e fantasia são estudadas, observadas e entendidas na complexidade das relações odontólogo-paciente e em consonância com suas experiências existenciais.

Com esta obra, a autora procura capacitar o futuro odontólogo para um melhor e mais adequado desempenho profissional, através da compreensão dos aspectos psicológicos

envolvidos em sua situação de trabalho; com o objetivo de libertá-lo da pressão em ser onipotente, de resolver dificuldades que escapam aos limites odontológicos, são expostos aspectos importantes que caracterizam o ser humano, nos seus mais diferentes momentos vitais, com a preocupação de diferenciar entre reações ditas “normais” de outras consideradas “patológicas”.

Com rara capacidade de síntese e integração, a autora torna possível o conhecimento do funcionamento da pessoa, desde seu nascimento até a velhice, sob o enfoque psicanalítico. As crises vitais, com suas características específicas; a ansiedade, suas manifestações e as defesas utilizadas na situação de conflito, são entendidas através de contribuições advindas de Freud, Melanie Klein, Anna Freud, Erick Erickson, Arminda Aberastury e Lidz, entre outros.

A compreensão dos fatores ansio-gênicos despertados nas situações de dor, de enfermidades e de cirurgias na prática odontológica é necessária e fundamental para que exista uma geral conscientização de que o “odontólogo não trata apenas de uma boca e

sim de uma boca que faz parte de uma pessoa”, com história — passado, presente e futuro — inserida na complexidade do contexto sócio-econômico-cultural em que vive.

Os estereótipos atribuídos ao odontólogo, em conseqüência de aspectos inconscientes originados da ansiedade de castração, sentimentos de culpa etc. revelados através de simbolismos de dentes e do processo de dentição, chamam nossa atenção para a difícil tarefa que esse profissional de saúde enfrenta no seu dia-a-dia. O cirurgião-dentista é identificado, em brincadeiras, em charges de jornais e revistas, como o “agressor, o carrasco”, fazendo com que surjam atitudes punitivas na dinâmica “vítima-agressor” — sociedade — paciente — odontólogo.

Mas talvez a questão mais relevante nesta obra, seja o alerta que a autora faz quanto às ansiedades patológicas frente ao tratamento dentário, que levam crianças, adolescentes, adultos e velhos, não só a abandonarem os tratamentos necessários, como às enfermidades intercorrentes, à negação completa da existência de dentes, que impedem o paciente de ir ao dentista. As possíveis intervenções que este pode realizar e a necessidade da ajuda de um psicólogo na solução de problemas emocionais mais severos são enfatizadas através do relato da experiência da autora, nesta obra que é o resultado de uma feliz união de duas áreas — a da Odontologia e a da Psicologia.



* Mestre em Psicologia Aplicada. Prof.º no Instituto de Psicologia da PUCRS, nas disciplinas de Ética Profissional e Psicologia Clínica. Coordenadora e Supervisora da Sociedade Núcleo de Estudos em Psicoterapia - NEP. P. Alegre - RS.